



I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo



JOSÉ SARAMAGO: A LITERATURA E O MAL

**JOSÉ
SARAGAMO:
A LITERATURA E O MIO**

CARLOS NOGUEIRA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXII

LIVRO APOIADO PELA
I CÁTEDRA INTERNACIONAL
JOSÉ SARAMAGO DA UNIVERSIDADE DE VIGO
(catedrasaramago.webs.uvigo.gal).

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
I - <i>TERRA DO PECADO</i> : O «FATOR DEUS» NO PRIMEIRO SARAMAGO	25
II - <i>OS POEMAS POSSÍVEIS</i> : O SER HUMANO, ESCRAVO DE DEUS E DE SI PRÓPRIO	51
III - DE <i>O ANO DE 1993</i> A <i>ALABARDAS: MALA MUNDI</i> <i>O Ano de 1993</i> : «é tempo dele ainda»	73
<i>Levantado do Chão</i> : «tudo isto são males, e grandes males»	94
O interior da pedra em personagens de <i>Levantado do Chão</i>	115
A poética saramaguiana da morte, do sofrimento e da violência	149
<i>O Ano da Morte de Ricardo Reis</i> : a morte blanchotiana de Ricardo Reis e o mal político	170
<i>O Evangelho segundo Jesus Cristo, In Nomine Dei e Caim</i> : «diante da dor dos outros»	197
IV - <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i> , <i>ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ E ALABARDAS</i> Mal banal, mal radical: o mal fora e dentro da pedra	227
<i>Ensaio sobre a Cegueira e Blindness: imago mundi</i>	275

© 2022, Carlos Nogueira
e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10
1750-149 Lisboa
21 726 90 28 | info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

TÍTULO: *José Saramago: A literatura e o mal*
AUTOR: Carlos Nogueira
CAPA: Tinta-da-china (V. Tavares)
COMPOSIÇÃO: Tinta-da-china
REVISÃO: Tinta-da-china

1.ª edição: agosto de 2022

ISBN 978-989-671-698-1
Depósito Legal n.º 498117/22

V - JOSÉ SARAMAGO, GEORGE STEINER E MIGUEL REAL: «O MAL É»	287
VI - JOSÉ SARAMAGO COMUNISTA NA LITERATURA DE CORDEL BRASILEIRA	319
Medeiros Braga e Saramago: literatura e política; comunismo(s)	319
Materialismo histórico e idealismo em Saramago	340
«A Questão é a do Socialismo»	356
«Novo Capitalismo?»	364
<i>A Caverna</i> e «Os Animais Doidos de Cólera»: «Por uma nova habitação da Terra»	371
Ainda o comunismo de Saramago	382
A favor e contra o conceito de mal: o(s) eixo(s) do mal	386
«A espécie humana não é muito de fiar»	395
CONCLUSÃO	401
Obras citadas	407
Nota biográfica	415

A obra de José Saramago (16/11/1922, Azinhaga, Portugal — 18/06/2010, Tías, Espanha) é uma das mais lidas e comentadas de toda a literatura portuguesa, e não exagero se disser (sobretudo para quem ainda não o saiba) que o autor de *Memorial do Convento* é um dos nomes maiores da literatura universal. Não faltam motivos para que assim seja, como espero deixar evidente ao longo deste ensaio. Em Portugal e não só, escreveu-se já um número avassalador de livros e artigos sobre os romances saramaguianos que mais têm atraído a crítica e os leitores. Também é verdade que as áreas menos conhecidas da produção deste escritor estão a ser cada vez mais lidas, debatidas e divulgadas. As crónicas, os diários, o teatro, a poesia, os textos jornalísticos e os depoimentos interessam não só a quem quer compreender mais integral e profundamente o Saramago romancista, mas também a quem procura matéria nova e apelativa para as suas investigações.

A repetição, o lugar-comum e a desistência a curto ou a médio prazo são riscos inevitáveis para quem decidir estudar uma obra com um sucesso crítico tão acentuado e uma força criativa e estética tão imponente. Desejar escrever um livro que proponha uma visão inovadora sobre um escritor como Saramago pode parecer uma ousadia ou o sinal de uma ingenuidade em que, em princípio, só deveriam incorrer os aprendizes de críticos literários e os candidatos

a cientistas sociais. Conto-me entre aqueles que não desistem de dialogar com uma escrita que alguns dos mais competentes e influentes exegetas internacionais não hesitam em qualificar como uma das melhores da literatura de todos os tempos.

Saramago não merece leituras arrevesadas ou banais, mas as grandes obras seduzem tantos leitores e tantos investigadores que essa é, digamos, uma inevitabilidade. Todavia, vale sempre a pena arriscarmo-nos a pensar e a escrever sobre os livros de José Saramago, mesmo sobre os mais glosados. É inegável que a devoção pela sua obra não deveria cair na devoração monótona e inconsequente em que a atividade crítica tantas vezes se transforma. Quando isso acontece, esperamos que pelo menos algumas dessas páginas e dessas paráfrases de paráfrases acrescentem algo de novo a um diálogo que deve ser ininterrupto. Para mais, benevolente como sempre foi com a crítica, Saramago nunca se importou muito com os comentários menos perspicazes à sua obra (não me estou a referir aos apontamentos maldosos vindos de quem nem sequer leu o livro *criticado*). O crítico ingénuo e menos preparado de hoje pode ser um grande crítico amanhã, tal como o romancista mediano de hoje pode vir a ser um escritor universal num futuro mais ou menos próximo. Por experiência própria, o autor de *Terra do Pecado* (1947) e de *Claraboia* (romance concluído em janeiro de 1953; publicado em 2011) sabia-o. Não se nasce necessariamente um bom crítico, nem um bom crítico se faz obrigatoriamente numa primeira obra criticada, apesar de continuar a haver, talvez mais do que nunca, em Portugal e no mundo, quem (se) julgue o contrário e se considere, a si e aos membros do seu círculo, imune aos erros de perspetiva, à palavra banal e ao barroquismo das ideias e da expressão.

Em livros de ensaio anteriores, em particular nos três últimos, *Nenbuma Palavra É Exata* (2016), *São Feitas de Palavras* as

Palavras (2017) e *Resposta a Italo Calvino* (2018), referi-me ao que entendo serem as virtudes e os vícios da crítica literária. Não me vou repetir neste limiar de mais um livro. Acredito tanto na boa crítica literária como abomino a má. Aquela faz-me querer continuar a ler, a pensar e a escrever; esta desanima-me e quase me derrota. A primeira é um diálogo entre o crítico e uma obra, a segunda é um monólogo ou nem isso, porque muitas vezes nem o crítico sabe minimamente do que está a falar. Sabe apenas estar a acumular palavras sobre palavras quase sem qualquer sentido e sem outra finalidade além da de dizer (ou proclamar) ter escrito qualquer coisa de sublime. Isso basta-lhe para consumo privado e para vaidade lançada a um círculo de amigos e conhecidos. Não é este o objetivo que me move quando escrevo sobre literatura, sobre «obras que se me impõem como mundos integrais, como representações e (re)construções da vida e do cosmos, como reflexos e ativos do (in)consciente individual e coletivo e da (des) construção da História e da Cultura» (Nogueira, 2018: 11). Na literatura saramaguiana e nos textos não literários que ela me induz a ler criticamente, «sinto-me mais como sujeito *da* História do que como sujeito *na* História, e é este sentimento (não arrogante) que me traz alguma pacificação enquanto sujeito à procura do seu lugar nos múltiplos caminhos da história da humanidade» (Nogueira, 2018: 12-13).

—

Toda a obra de José Saramago equaciona o problema da definição, das manifestações, das características e das causas do mal. Neste ensaio, proponho-me contribuir para a compreensão da problemática do mal em Saramago, antes de mais, mas também, apoiado na sua escrita, na ação individual e na prática social e política

(numa palavra: na vida ética). Dito de outro modo: são dois, no essencial, os grandes propósitos (interligados) que me impelem a olhar para a obra literária de Saramago à luz da questão do mal, em diálogo aberto com a história, a religião, a filosofia, a política, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a medicina, etc. Pretendo atingir um entendimento mais consciente e profundo do fenómeno do mal e das atitudes e dos comportamentos éticos individuais e coletivos; e, com os meios de que disponho (aulas, intervenções públicas, ensaios, vida social e privada), quero participar mais ativamente na (re)construção da vida na pólis do século XXI. Para isso, parto de um conjunto de teses sobre a natureza do mal que o discurso literário e o pensamento de Saramago, tal como os entendo, confirmam com génio: o mal é inerente ao ser humano enquanto espécie, parece ser (ou é) mais tentador e universal do que o bem, mas não constitui uma fatalidade a que temos de nos resignar; em maior ou menor escala, faz parte do passado, do presente e do futuro de todas as sociedades e de todos os seres humanos; interage com a energia que lhe é contrária, o bem, e ora se lhe sobrepõe, ora é por ela mitigado ou anulado.

Um dos conceitos mais objetivos e operatórios de mal que conheço é da autoria de Philip Zimbardo, no livro *The Lucifer Effect. Understanding How Good People Turn Evil* (2007): «Evil consists in intentionally behaving in ways that harm, abuse, demean, dehumanize, or destroy innocent others — or using one's authority and systemic power to encourage or permit others to do so on your behalf» (Zimbardo, 2007: 5). A esta definição de Zimbardo, que subscrevo e desenvolverei a partir da obra e das ideias de José Saramago, em diálogo com outros autores de diversas áreas da cultura e do conhecimento, acrescento os seguintes postulados, que completam o que escrevi no parágrafo anterior (e que

perfazem a tese que espero ilustrar com os juízos e a literatura de Saramago): próprio da complexidade da mente humana e da vida, o mal, tal como o bem, consubstancia uma força em que entram as disposições (a biologia e o temperamento, a personalidade) e as decisões individuais, as situações do dia a dia e os sistemas de poder. A tendência para o mal e para o bem, em que intervêm categorias como a responsabilidade, a imputabilidade, a culpa, o remorso e a autoconsciência, compõe a dualidade mais básica do ser humano.

No romance *Terra do Pecado*, como espero provar no primeiro capítulo, começa a gestação do projeto saramaguiano de denunciar a opressão e de dar a ver a dor humana e não humana, e de interpretar dentro da questão do mal. José Saramago não se interessou apenas pelo mal não extremo nas suas inumeráveis formas, como veremos, por exemplo, a propósito do ladrão de carros de *Ensaio sobre a Cegueira* (1995), de quem poderemos dizer que agiu mal ao roubar o carro do primeiro cego, mais do que é tendencialmente mau. Saramago lidou também, na poesia, nas crónicas e, de uma maneira ímpar, a partir de *Levantado do Chão* (1980), com o mal devastador, o mal que não poupa as vítimas às modalidades mais pungentes de morte, à tortura mais inventiva e cruel. Saber que o bem também existe e se pode manifestar onde menos se espera não induziu José Saramago a desistir de querer representar e compreender o mal. Para este escritor e homem de ação, isso seria prescindir de confrontar o mal, em ideias e na prática. Daí esta declaração de princípio, que é uma resposta contundente aos otimistas passivos de ontem e de hoje:

Ensaio sobre a Cegueira é uma espécie de *imago mundi*, uma imagem do mundo em que vivemos: um mundo de intolerância, de exploração,

de crueldade, de indiferença, de cinismo. Mas dirão: «Também há gente boa». Pois há, mas o mundo não vai nessa direção. Há pessoas humanizáveis, pessoas que vão se humanizando por um esforço de supressão de egoísmos. Mas o mundo no seu conjunto não vai nessa direção. (Gómez Aguilera, 2010: 313)

No livro *O Mal no Pensamento Moderno. Uma História Alternativa da Filosofia* (2002), também Susan Neiman prossegue na linha de raciocínio de filósofos como Rousseau e Arendt e não desiste de tentar provar que o problema do mal deve ser percebido quer nos princípios e nas causas que o desencadeiam, quer, sobretudo, nos efeitos que provoca. José Saramago entra naturalmente nesta discussão com obras literárias e com todo um pensamento traduzido em depoimentos de diversos tipos que têm em comum com Neiman e com a filosofia (pelo menos desde o iluminismo) uma preocupação maior com a ética do que com a epistemologia. Em termos simples: antes de mais, interessa saber o que é o mal, torná-lo inteligível. É por isso que o diálogo entre a literatura de Saramago e a filosofia sobre o mal me parece tão promissor. Porém, outra razão de fundo torna esta aproximação frutífera. Em Saramago há uma procura constante de explicações para a natureza do mal, não apenas (o que, nas grandes obras, já não é pouco) uma representação (e uma apresentação) dos seus efeitos. Não quero com isto dizer que o propósito do autor de *Ensaio sobre a Cegueira* é isolar e explicar definitivamente a propriedade ou as propriedades intrínsecas do mal. Também não estou a desvalorizar o lugar da filosofia na discussão sobre o mal, apesar de se saber que na filosofia contemporânea não há propriamente um número significativo de bons e estimulantes tratados sobre este tema. Contudo, há duas obras recentes e inovadoras, e em português, que considero marcos na filosofia e no

ensaio sobre o mal: *Nova Teoria do Mal. Ensaio de Biopolítica* (2012), de Miguel Real, e *A Filosofia e o Mal. Banalidade e Radicalidade do Mal de Hannah Arendt a Kant* (2015), de António Marques, que serão referências fecundas e transversais a todo este meu ensaio.

Há poucas obras-primas filosóficas contemporâneas exclusivamente consagradas ao problema do mal, mas não faltam grandes obras literárias, especialmente no romance, que tratam esta questão, e entre elas contam-se os livros de José Saramago. Ler pelo menos alguns destes volumes em diálogo quer com o pensamento do autor expresso em entrevistas, crónicas e outros textos, quer com os conhecimentos sobre a espécie humana trazidos pelas ciências sociais e humanas e por ciências como a psicologia evolutiva, as ciências cognitivas, a genética, a etologia e a biologia, não é apenas vantajoso para clarificar esses livros e lhes garantir mais leitores. Essa leitura é igualmente positiva para uma compreensão do tema do mal despojada das especulações tantas vezes demasiado abstratas da filosofia e não menos vezes excessivamente teóricas das ciências em geral. A grande literatura tem a obrigação de ser memorável (Jorge Luis Borges disse mais ou menos isto em relação à sátira); a literatura de Saramago é-o, e por isso o que ela nos pode dizer sobre o mal, apesar de não menori-
zar ou eclipsar o que sobre o assunto afirmaram pensadores como Leibniz, Hegel ou Freud, tende a permanecer mais na consciência coletiva e a atuar mais na vida de todos os dias.

As considerações de José Saramago em *A Estátua e a Pedra* (1.^a ed., 1999; 2.^a ed., sob o título *El Autor Se Explica*, 2010; 3.^a ed., 2013; nova edição, também em 2013, mas agora com o título que o autor ajustara para a edição de 2010, mas que não se concretizou por falha de comunicação com a editora: *Da Estátua à Pedra*) tornaram-se um dos mais recorrentes lugares de compreensão

a diferença, a desumanidade. Cada um de nós pode e deve ser um fator de construção de uma nova Humanidade, em vez de acatar, ou promover, as circunstâncias (socioculturais, políticas e biológicas) que nos condicionam. O mal é um labirinto habitado por muitos minotauros puramente humanos, inclusive por cada um de nós. Deste lugar não se sai para o paraíso, mas não estamos condenados a reduzir-nos *ad aeternum* a um seu reflexo. Se, individualmente e como sociedade, perscrutarmos o passado em busca de memórias vivas para o presente e o futuro, estaremos menos propensos, como desejava José Saramago, a viver num «universo maléfico, inimigo do homem» (Lourenço, 1987: 135). Porque um homem pode ser inocente, «mas o homem não é inocente» (Lourenço, 1987: 135).

Faz-nos muita falta a voz propriamente dita e a presença física de José Saramago, que nos incitava a pensar, a compreender e a alterar as nossas ações. Se este livro contribuir, por pouco que seja, para que a obra de Saramago seja mais procurada e mais lida, inclusive por quem nunca reparou no galardado com o Prémio Nobel de Literatura de 1998, o meu esforço terá valido a pena.

OBRAS CITADAS

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *Despen-teando Parágrafos. Polémicas Suaves*. Lisboa: Quetzal, 2015.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio. *De Marx a Darwin. A Desconfiança das Ideologias (Seguido de Apêndice sobre Darwin nos Açores)*. 2.ª ed. Lisboa: Gradiva, 2017.
- ARENDR, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*. London: Allen & Unwin, 1961.
- ARENDR, Hannah. «Answers to questions submitted by Samuel Grafton». Jerome Kohn e Ron H. Feldman (eds.). *The Jewish Writings*. Nova Iorque: Schocken Books, 2007a: 475-480.
- ARENDR, Hannah. «The Eichmann controversy: a letter to Gershom Scholem». Jerome Kohn e Ron H. Feldman (eds.). *The Jewish Writings*. Nova Iorque: Schocken Books, 2007b: 465-471.
- ARENDR, Hannah. *Sobre a Violência*. Lisboa: Relógio D'Água, 2014.
- ARNAUT, Ana Paula. «Ricardo Reis: o mesmo e o outro». Carlos Reis (org.). *Nascido para Isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020: 23-39.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BARRENTO, João. «Excursão: Os pobres da História e os podres da História: Memorial do Convento». *A Chama e as Cinzas. Um Quarto de Século de Literatura Portuguesa (1974-2000)*. Lisboa: Bertrand Editora, 2016: 48-55.
- BATAILLE, Georges. *Literature and Evil*. Tradução de Alastair Hamilton. Londres, Nova Iorque: Marion Boyars Publishers, 2001.
- BATISTA, Oduvaldo. «Prefácio». Me-deiros Braga. *O Cordel do Manifesto Comunista*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2006: XI-XII.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.
- BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. Mineola, Nova Iorque: Dover Publications, 2007.
- BERNSTEIN, Richard J. *Radical Evil: a Philosophical Interrogation*. Cambridge: Polity Press, 2002.

- BETTELHEIM, Bruno. «Foreword». Miklos Nyiszli. *Auschwitz. A Doctor's Witness Account*. Tradução de Tibère Kremer e Richard Seaver. Prefácio de Bruno Bettelheim. Nova Iorque: Arcade Publishing, 1960: 5-23.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Instant de Ma Mort*. S.l.: Éditions Gallimard, 2002.
- BORGES, Anselmo. «Sobre Saramago e Deus». Carlos Reis (org.). *Nascido para Isto*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2020: 41-46.
- BRAGA, Medeiros [Luzimar]. *José Saramago: Vida e Morte*. Mossoró: Queima-Bucha, s.d.
- BRAGA, Medeiros [Luzimar]. *O Cordel do Manifesto Comunista*. Prefácio de Oduvaldo Batista. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2006.
- CAMPOS, André Santos. «José Saramago's 'magical' historical materialism». Carlo Salzani e Kristof K. P. Vanhoutte (ed.). *Saramago's Philosophical Heritage*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018: 61-80.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. Tradução de Paulo Osório de Castro e Jorge Telles de Menezes. Amadora: Cavalo de Ferro, 2017.
- CAPPELLI, Marcio. *A Teologia Ficcional de José Saramago. Aproximações entre Romance e Reflexão Teológica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.
- COSTA, José Horácio de Almeida Nascimento. *José Saramago: O Período Formativo*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Yale para obtenção do grau de Doutor em Filosofia. S.l.: Edição de autor, 1994.
- DAMÁSIO, António. *A Estranha Ordem das Coisas*. Edição revista e atualizada. Lisboa: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2017a.
- DAMÁSIO, António. *Ao Encontro de Espinosa. As Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Edição revista e atualizada. S.l.: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2017b.
- DAWKINS, Richard. *A Desilusão de Deus*. Tradução de Lígia Rodrigues e Maria João Camilo. 7.^a ed. Alfragide: Casa das Letras, 2017.
- DE WIJZE, Stephen. «Political evil — Warping the moral landscape». Roger Crisp e Shlomit Harrosh (ed.). *Moral Evil and Practical Ethics*. Nova Iorque: Routledge, 2018: 165-198.
- EAGLETON, Terry. *On Evil*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2010.
- EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Amor y Odio. Historia Natural del Comportamiento Humano*. Barcelona: Salvat Editores, 1989a.
- EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. *Guerra y Paz. Una Visión de la Etología*. Barcelona: Salvat Editores, 1989b.
- FONSECA, Manuel da. «Prefácio». *Cerromaior*. 5.^a ed. revista e prefaciada pelo autor. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.
- FORMOSA, Paul. «Is radical evil banal? Is banal evil radical?». *Philosophy & Social Criticism*, vol. 33 (6), 2007: 717-735.
- FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2019.
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando (edição e seleção). *José Saramago nas Suas Palavras*. Tradução dos textos em espanhol, francês e italiano de Cristina Rodrigues e Artur Guerra. 2.^a ed. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando. «Um livro inacabado, uma vontade firme». José Saramago. *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*. Com textos de Fernando Gómez Aguilera e de Roberto Saviano. Ilustrações de Günter Grass. Porto: Porto Editora, 2014: 85-106.
- GROSSEGESSE, Orlando. «O grito de São Bartolomeu ou ensaio sobre o autonascimento em Saramago». *Agália. Revista Internacional da Associação Galega da Língua*, n.º 60, 1999: 407-417.
- GROSSEGESSE, Orlando. «O sentido político da educação estética — A lição de Saramago perante a fotografia de Alan Kurdi». Carlos Nogueira, Burghard Baltrusch e Jordi Cerdà (eds.). *José Saramago e os Desafios do Nosso Tempo*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2021: 79-91.
- HERLING, Gustaw. *A World Apart*. Tradução de Joseph Marek. Nova Iorque: Arbor House, 1986.
- KAFKA, Franz. *O Processo*. Tradução de João Costa e Delfim de Brito. Porto: Público Comunicação Social, 2004.
- KANT, Immanuel. *Lecture on Ethics*. Tradução de L. Infield. Nova Iorque: Harper Torchbooks, 1963.
- KANT, Immanuel. *A Religião nos Limites da Simples Razão*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.
- LEMAIRE, Ria. «Pensar o suporte — Resgatar o património». Simone Mendes (org.). *Cordel nas Gerais. Oralidade, Mídia e Produção de Sentido*. Textos apresentados no 1.º Colóquio Internacional sobre Literatura de Cordel: Oralidade, Mídia e Produção de Sentido, realizado em novembro de 2008, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010: 67-93.
- LEVI, Primo. *Se Isto É Um Homem*. Tradução de Simonetta Cabrini Neto. Porto: Público Comunicação Social, 2002.
- LEVI, Primo. *Os Que Sucumbem e Os Que Se Salvam*. 2.^a ed. Tradução de José Colaço Barreiros. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2019.
- LEVI, Primo. *Assim Foi Auschwitz. Testemunhos 1945-1986* [com Leonardo De Benedetti]. Organização de Fabio Levi e Domenico Scarpa. Tradução de Federico Carotti. Lisboa: Objectiva, 2020.
- LOPES, Óscar. «In Nomine Dei, de José Saramago». *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa*. 2.^a ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1996: 253-259.
- LORENZ, Konrad. *A Agressão. Uma História Natural do Mal*. Lisboa: Moraes Editores, 1974.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Complexo de Marx*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1979.
- LOURENÇO, Eduardo. *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.
- LOURENÇO, Eduardo. «Sobre Saramago». *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)*. Lisboa: Editorial Presença, 1994: 180-188.

- LOURENÇO, Eduardo. «Cultura portuguesa e expressionismo». *A Nau de Ícaro, Seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*, 3.^a ed., Lisboa: Gradiva, 2004: 23-35.
- MARQUES, António. *A Filosofia e o Mal. Banalidade e Radicalidade do Mal de Hannah Arendt a Kant*. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.
- MARTINS, Manuel Frias. *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*. S.l. [Lisboa]: Fundação José Saramago, 2014.
- MARTINS, Manuel Frias. *A Lágrima de Ulisses. Regimes de Cultura Literária*. Porto: Editora Exclamação, 2021.
- MARX, Karl. *The Capital. A Critique of Political Economy*. Vol. 1. Introdução de Ernest Mandel. Tradução de Ben Fowkes. Harmondsworth: Penguin, 1976.
- MENDES, José Manuel. «Uma obra suprema». *Espacio/Espazo Escrito. Revista de Literatura en Dos Lenguas*, n.º 9-10, inverno 1993-1994: 163-166.
- MENDES, José Manuel. «De livro em livro». *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 3, outubro-dezembro, 1998: 6-8.
- MEIRELLES, Fernando. Diário de Blindness [2007-2008]. Disponível em: <http://ozfilmes.com.br/blogs/blog_blindness>.
- MICHAL, Bernard. *Os Julgamentos de Nuremberga*. Tradução de Amigos do Livro. Porto Salvo: Desassossego, 2019.
- MORALES Alcúdia, Joan (coord.). *José Saramago. La Revolución de la Conciencia*. Córdoba: Utopía Libros, 2018.
- NEIMAN, Susan. *O Mal no Pensamento Moderno. Uma História Alternativa da Filosofia*. Tradução de Vítor Matos. Lisboa: Gradiva, 2005.
- NOGUEIRA, Carlos. *Resposta a Ítalo Calvino. Clássicos da Literatura*. Porto: Livraria Lello, 2018.
- OPHIR, Adi. *The Order of Evils: Toward an Ontology of Morals*. Nova Iorque: Zone Books, 2005.
- ORWELL, George. *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. 2.^a ed. Prefácio de José Pacheco Pereira. Tradução de L. Morais. Lisboa: Moraes Editores, 1984.
- PALMA-FERREIRA, João. Recensão crítica «José Saramago. Deste Mundo e do Outro». *Colóquio/Letras*, n.º 6, março de 1972: 83-84.
- POPPER, Karl. *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos: Hegel e Marx*. 2.^o vol. Prefácio de João Carlos Espada. Lisboa: Edições 70, 2019.
- QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro. Cenais da Vida Devota*. Fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura. De acordo com a edição de 1880, revista pelo autor, precedida de uma carta inédita de Antero de Quental. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- QUENTAL, Antero de. *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos*. Lisboa: Tinta-da-china: 2008.
- RAMONEDA, Josep. «A política e os seus inimigos» [prólogo]. Daniel Innerarity. *A Política em Tempos de Indignação*. Tradução de João Pedro George. Prefácio de Daniel Oliveira. Prólogo de Josep Ramoneda. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2016: 15-23.
- REAL, Miguel. *Nova Teoria do Mal. Ensaio de Biopolítica*. 3.^a ed. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2012.
- REDOL, Alves. *Gaibéus*. 17.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2015.
- REIS, Ricardo [Fernando Pessoa]. *Poesia*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- RICOEUR, Paul. *A Simbólica do Mal*. Prefácio de Maria Luísa Portocarreiro. Lisboa: Edições 70, 2013.
- RÍO, Pilar del. «Anexo» [Entrevista]. Marcio Cappelli. *A Teologia Ficcional de José Saramago. Aproximações entre Romance e Reflexão Teológica*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019: 295-299.
- ROUSSET, David. *L'Univers Concentrationnaire*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989.
- SABINE, Mark. *José Saramago: History, Utopia, and the Necessity of Error*. Cambridge: Legenda, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade*. 10.^a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. «2017 sem fim». *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1207, de 4 a 17 de janeiro de 2017a: 25.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. «A 'desimaginação' do social». *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1229, 8 a 21 de novembro de 2017b: 27.
- SARAMAGO, José. *Deste Mundo e do Outro*. S.l.: Editora Arcádia, 1971.
- SARAMAGO, José. *A Bagagem do Viajante*. 3.^a ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.
- SARAMAGO, José. «História e ficção». *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 400, 6 a 20 de março de 1990: 17-20.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. S.l.: Círculo de Leitores, 1991.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote. Diário — III*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- SARAMAGO, José. «O Fator Deus». *Público*, n.º 4019, 18 de setembro de 2001: 25.
- SARAMAGO, José. *Caim*. Alfragide: Editorial Caminho, 2009a.
- SARAMAGO, José. *O Caderno. Textos Escritos para o Blog. Setembro de 2008 — Março de 2009*. S.l.: Editorial Caminho, 2009b.
- SARAMAGO, José. «O valor do ser humano». Entrevista. *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1019, 21 de outubro a 3 de novembro de 2009c: 18-19.
- SARAMAGO, José. *Andrea Mantegna: Uma Ética, uma Estética*. Madrid: Casimiro Libros, 2011.
- SARAMAGO, José. «Da estátua à pedra — O autor explica-se». *Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo*. Apresentação de Pilar del Río. Prefácios de Giancarlo Depretis e de Luciana Stegagno Picchio. Texto crítico de Fernando Gómez Aguilera. Belém: ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013a: 25-52.
- SARAMAGO, José. «Discurso pronunciado no Banquete Nobel a 10 de dezembro de 1998». *Da Estátua à Pedra e Discursos de Estocolmo*. Apresentação de Pilar del Río. Prefácios de Giancarlo Depretis e de

- Luciana Stegagno Picchio. Texto crítico de Fernando Gómez Aguilera. Belém: ed.ufrpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013b: 89-91.
- SARAMAGO, José. *A Caverna*. 4.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014a.
- SARAMAGO, José. *Alabardas, Alabardas, Espingardas, Espingardas*. Com textos de Fernando Gómez Aguilera e de Roberto Saviano. Ilustrações de Günter Grass. Porto: Porto Editora, 2014b.
- SARAMAGO, José. *A Viagem do Elefante*. 10.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014c.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 22.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014d.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Lucidez*. 4.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014e.
- SARAMAGO, José. *Levantado do Chão*. 20.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014f.
- SARAMAGO, José. *Manual de Pintura e Caligrafia*. 7.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014g.
- SARAMAGO, José. *Os Poemas Possíveis*. 9.^a ed. Porto: Porto Editora, 2014h.
- SARAMAGO, José. *Terra do Pecado*. 11.^a ed. Porto: Porto Editora, 2015a.
- SARAMAGO, José. *Folhas Políticas*. 3.^a ed. Porto: Porto Editora, 2015b.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote — Diário II*. 3.^a ed. Porto: Porto Editora, 2016a.
- SARAMAGO, José. *Memorial do Convento*. 57.^a ed. Porto: Porto Editora, 2016b.
- SARAMAGO, José. *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. 22.^a ed. Porto: Porto Editora, 2016c.
- SARAMAGO, José. *Viagem a Portugal*. 25.^a ed. Porto: Porto Editora, 2016d.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote — Diário V*. 5.^a ed. Porto: Porto Editora, 2018a.
- SARAMAGO, José. *In Nomine Dei*. 6.^a ed. Porto: Porto Editora, 2018b.
- SARAMAGO, José. *O Ano de 1993*. 4.^a ed. Porto: Porto Editora, 2018c.
- SILVA, João Céu e. *Uma Longa Viagem com José Saramago*. Porto: Porto Editora, 2009.
- SILVA, Patrícia. «Intertextualidade transmediais expressionistas em *Ensaio sobre a Cegueira* e *Blindness*, de Fernando Meirelles». Carlos Reis (org.). *José Saramago: 20 Anos com o Nobel*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago. Entre a História e a Ficção: Uma Saga de Portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Nova edição revista. Tradução de Maria de Fátima St. Aubyn. Porto: Via Óptima, 2008.
- SOROMENHO-MARQUES, Viriato. «Por uma nova 'habitação da Terra'». *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1291, 25 de março a 7 de abril de 2020: 6.
- STEINER, George. *Lenguaje y Silencio. Ensayos sobre la Literatura, el Lenguaje y lo Inhumano*. 2.^a ed., completa e revisada. Tradução de Miguel Ultorio, Tomás Fernández Aúz e Beatriz Eguibar. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006.
- STEINER, George. *Los Logócratas*. Tradução de María Condor. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, Ediciones Siruela, 2007.
- STEINER, George. *Fragmentos (Um Pouco Queimados)*. Tradução e notas de Ana Matoso. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.
- STIGLITZ, Joseph E. *Pessoas, Poder e Lucro*. Tradução de Paulo Tavares e Sara M. Felício. Lisboa: Bertrand Editora, 2019.
- TODOROV, Tzvetan. *Os Inimigos Íntimos da Democracia*. Lisboa: Edições 70, 2017.
- VIÇOSO, Vítor. «Levantado do Chão e o romance neorrealista». *Colóquio/Letras*, n.º 151-152, 1999: 239-248.
- ZIMBARDO, Philip. *The Lucifer Effect. Understanding How Good People Turn Evil*. Nova Iorque: Random House: 2007.

NOTA BIOGRÁFICA

Carlos Nogueira é diretor científico da Cátedra José Saramago da Universidade de Vigo. O seu trabalho docente e de investigação tem-se centrado especialmente nas relações entre a literatura, a filosofia, a política e o direito. Tem publicado livros de ensaio em editoras como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Imprensa Nacional, a Porto Editora, a Europa-América, a Lusitânia, a Livraria Lello e a Tinta-da-china. Recebeu o Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho, o Prémio Santander de Internacionalização da Produção Científica da FCSH / Universidade Nova de Lisboa, o Prémio Montepio de Ensaio e o Prémio de Ensaio Vergílio Ferreira.

**JOSÉ
SARAGUO:
O LITERATURA E O MIO.**

foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 80 g,
em julho de 2022.